

**Resenha:**

**IMMANUEL KANT, *Crítica da razão prática*.  
Edição bilíngüe. São Paulo: Martins Fontes,  
2003, 620 páginas. Tradução de Valerio Rohden\***

Vinicius de Figueiredo

UFPR, Curitiba

Pode parecer surpreendente, mas foi apenas em 2002, sob cuidados de Valerio Rohden, que apareceu a primeira tradução brasileira da *Crítica da razão prática*. Até então, o texto utilizado ordinariamente nas universidades no Brasil era a tradução publicada em Lisboa, realizada por A. Morão (*Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, 1986). O atraso, em todo caso, foi recompensado pelo resultado do empreendimento, beneficiado pela longa convivência do tradutor brasileiro com os textos de Kant.

Com efeito, antes de voltar-se para a *Crítica da razão prática*, Valerio Rohden já havia traduzido as duas outras obras que integram a tríade da filosofia crítica. Primeiro, *Crítica da razão pura* (São Paulo, Abril Cultural, Coleção *Os Pensadores*, 1980), traduzida em colaboração com Udo Moosburguer (Universidade Federal do Paraná), a partir do texto da segunda edição (1787). Quase quinze anos depois, e em colaboração com Antonio Marques (Universidade Nova de Lisboa), publicou a tradução da *Crítica da faculdade do Juízo* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993), a partir do texto da segunda edição, de 1793, reeditada no volume V da *Akademie Text-Ausgabe* (Berlin, 1908-1913, pp. 165-485).

A presente tradução da *Crítica da razão prática*, com a qual V. Rohden conclui a versão brasileira da trilogia crítica, possui

---

\* Esta resenha foi originalmente publicada na *Studi Kantiani*, XIX, 2006 (Pisa – Roma).

especificidades em relação à tradução das duas outras *Críticas*. A começar por ser a única dentre as três que recebeu uma edição bilíngüe. O volume traz, além do texto em português, o texto facsímile, microfilmado e fornecido pela Biblioteca da Universidade de Münster, a partir de exemplar original da primeira edição de 1788. Tal exemplar constitui o elemento pitoresco na presente edição, pois pertenceu à princesa Amalia Fürstin von Gallitzin (1748-1806), a qual foi retratada em 1781 por Carolina Michaelis (futura Caroline Schlegel-Schelling) como “*une dame fort savante qui est vetue d’une espèce de draperie grecque, les cheveux coupés, ..., qui porte une demie douzaine de grands livres em folio, qui va se baigner avec une suite de 6 à 8 messieurs en plein jour dans notre Leine*” (apud: V. Rohden, Introdução à *Crítica da razão prática*, Martins Fontes, 2003, p. XXXII, n 56). A futura proprietária do exemplar da *Crítica da razão prática* reproduzida na edição brasileira, correspondia-se assiduamente com Franz Hemsterhuys (1721-1790), era amiga de J. G. Hamann (1730-1788), de F. H. Jacobi (1743-1819) e de Thomas Wizenmann (1759-1787). A reprodução de seu exemplar da *Crítica da razão prática* na edição brasileira reconduz o leitor ao ambiente de origem em que frutificaram inicialmente as idéias de Kant.

As razões para tomar como texto de partida a edição original de 1788 emergiram no decurso da pesquisa que V. Rohden, em visita a várias bibliotecas universitárias alemãs, fez preceder ao trabalho de tradução *stricto sensu*. A principal dentre estas razões reside na reavaliação do grau de fidelidade – que se imaginava absoluto – da reprodução do exemplar original disponível na Biblioteca da Universidade de Erlangen-Nürnberg pela Harald Fischer Verlag (Erlangen, 1984), amplamente adotada na Alemanha. Constatando incongruências desta edição com as edições *standard* da *KpV* (Akademie, Vorländer, Weischedel), V. Rohden, com a prestimosa colaboração de Jens Kulenkampff e o filólogo clássico Severin Koster, ambos da Universidade de Erlangen-Nürnberg, foi levado à descoberta de que o exemplar disponível na Biblioteca da Universidade de Erlangen havia sofrido correções de autoria de Paul Joachim Sigmund Vogel (1753-1834), professor catedrático desta instituição a partir de 1808. Boa parte das correções desta obra, atribuídas a Hartenstein e Vorländer, foram feitas originariamente por Vogel. Ao optar pelo exemplar original disponível na Biblioteca da Universidade de Münster, pertencente à princesa von Gallitzin, a edição de V. Rohden oferece uma alternativa às

anotações e correções manuscritas que, sabemos agora, foram feitas por Vogel no exemplar original de Erlangen.

Outro elemento consoante com o intuito de recuperar a discussão da *Crítica da razão prática* a partir de sua fonte original é representado pela tradução das notas manuscritas de Kant em seu *Handexemplar* da *KpV* de 1788. Tais notas, que não constam da edição da *Akademie*, foram publicadas por Gerhard Lehmann (“Kants Bemerkungen im Handexemplar der *Kritik der praktischen Vernunft*, in: *Kant-Studien*, v. 72, n.2, pp. 132-139, 1981). Também compõem a relação de apêndices da edição de V. Rohden um Glossário e uma “Concordância de páginas”, relacionando as edições de Vorländer e da *Akademie* com a edição original aqui utilizada.

Finalmente, uma consideração de ordem estilística. Reportando-se à carta enviada a Christian G. Schütz em 25 de junho de 1787, na qual Kant designava pela primeira vez obra recém-terminada pelo título de *Crítica da razão prática*, Kant também se reportava à tradução de suas obras para o latim, iniciada por Friedrich G. Born (1743-1807), enfatizando a importância da correção escolástica, que jamais deveria ser preterida em favor da elegância estilística (Kant, *Briefwechsel*, p. 320). V. Rohden seguiu a orientação de Kant, priorizando a correção e precisão escolástica, sem que isso, todavia, tenha representado prejuízo para a leitura. O resultado é uma edição na qual o leitor brasileiro poderá reaver a atmosfera que pautou a reflexão de Kant sobre a razão prática.